

06 de dezembro de 2013

Índice de Bem-estar
2004-2012

INE divulga Índice de Bem-estar para Portugal

O INE apresenta os principais resultados do estudo "Índice de Bem-estar para Portugal" que realizou pela primeira vez. Este estudo foi desenvolvido ao longo dos últimos três anos, alicerçando-se em metodologia definida por um conjunto de organizações internacionais, nomeadamente a OCDE e o Eurostat, e já aplicada por vários Institutos de Estatística.

A conceção deste projeto e a definição dos domínios de análise que integram o Índice de Bem-estar (IBE) beneficiaram dos contributos de um conjunto de reputados peritos nas diferentes áreas, a quem muito se agradece a colaboração.

O índice agora divulgado abrange o período de 2004 a 2011 apresentando resultados preliminares para o ano de 2012 e será objeto de atualização e divulgação anual.

O Índice de Bem-estar aumentou entre 2004 e 2011, estimando-se uma ligeira redução em 2012.

Dos 10 domínios que integram o IBE, a Educação, a Saúde e o Ambiente são as componentes do bem-estar com evolução mais favorável no período analisado.

Inversamente, os domínios Trabalho e remuneração e Vulnerabilidade económica são aqueles cuja evolução foi mais desfavorável.

Os dois índices sintéticos, *Condições materiais de vida* e *Qualidade de vida*, evoluíram em sentidos opostos, com o primeiro a evidenciar uma tendência decrescente, que se acentuou de 2010 para 2012, e o segundo a apresentar uma tendência crescente.

Entre 2004 e 2011 a taxa de variação média anual do Índice de Bem-estar foi de 1,1%. Os dados preliminares relativos a 2012 projetam um pequeno decréscimo do índice, explicado pela quebra das Condições materiais de vida.

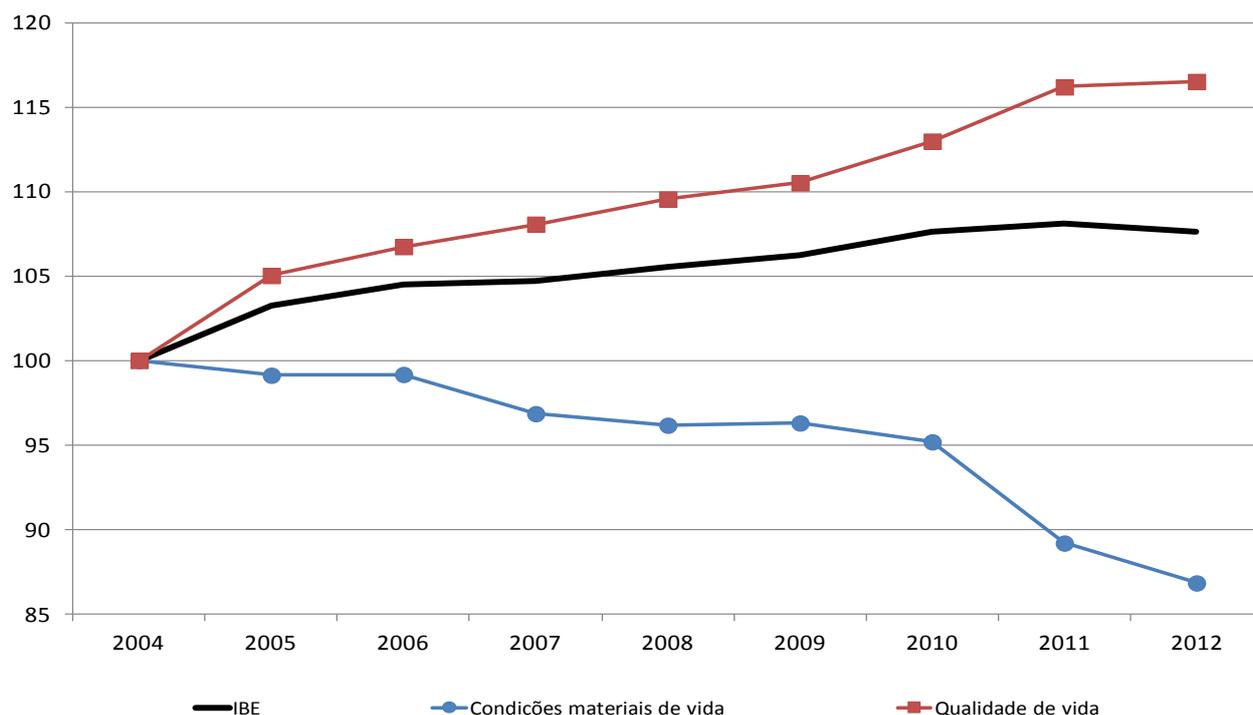
O Índice de Bem-estar em Portugal evoluiu positivamente entre 2004 e 2011, atingindo o valor de 108,1 em 2011, estimando-se uma redução para 107,6 em 2012.

Contudo, as duas perspetivas de análise do bem-estar – traduzidas através dos índices sintéticos de *Condições*

materiais de vida e de *Qualidade de vida* – evoluíram em sentidos opostos: enquanto o índice que explica a evolução das *Condições materiais de vida* registou genericamente uma evolução negativa, atingindo o valor

de 89,2 em 2012 (na comparação com o ano-base de 2004 = 100), o índice relativo à evolução da *Qualidade de vida* apresentou uma evolução continuamente positiva, atingindo em 2012 o valor de 116,2.

Índice de Bem-estar (IBE): global e por perspetiva (2004=100)



Os dados preliminares de 2012, também divulgados neste *Destaque*, reforçam esse contraste: o índice relativo às *Condições materiais de vida* teve novo agravamento com uma desvalorização de 13,2 pontos percentuais entre 2004 e 2012. Dada a forte associação existente entre muitas das variáveis que compõem este indicador sintético e o funcionamento do sistema económico, a sua evolução reflete o baixo crescimento da economia no período pré-crise e é particularmente sensível aos efeitos do aprofundamento da crise económica.

Efetivamente, a análise da evolução nos períodos 2004-2008 e 2008-2012 evidenciou que à quebra registada na

variação percentual do índice das *Condições materiais de vida* entre 2004 e 2008 (-3,8 pontos percentuais), se seguiu uma quebra mais acentuada no período 2008-2012, apontando-se para 2012 uma variação de -13,2 pontos percentuais. As taxas de variação média anual 2004-2008 (-1%) e 2008-2012 (-2,5%) sinalizam este contraste. Por sua vez, na perspetiva da *Qualidade de vida*, à evolução positiva entre 2004 e 2008 explicada por uma variação de 9,5 pontos percentuais, seguiu-se uma evolução também positiva no período 2008-2012, mas de menor intensidade (7,0 p.p.), estimando-se para 2012, uma variação de 16,5 pontos percentuais, face ao ano base de 2004.

Os resultados obtidos advêm de evoluções diferenciadas ao nível dos domínios que alicerçam as duas perspetivas consideradas: para a evolução das *Condições materiais de vida* contribuiu positivamente o comportamento do domínio do *Bem-estar económico*, o qual atinge um índice de 109,2 no ano 2010 decrescendo nos anos seguintes. O domínio *Bem-estar económico* surge, neste contexto, em contraciclo, permitindo um ligeiro acréscimo do valor do índice agregado da perspetiva das *Condições materiais de vida*. O acréscimo de 4,5 pontos percentuais neste domínio ocorrido entre 2004 e 2012 não é, contudo, suficiente para anular a forte descida ocorrida nos outros dois domínios – *Vulnerabilidade económica* e *Trabalho e remuneração*.

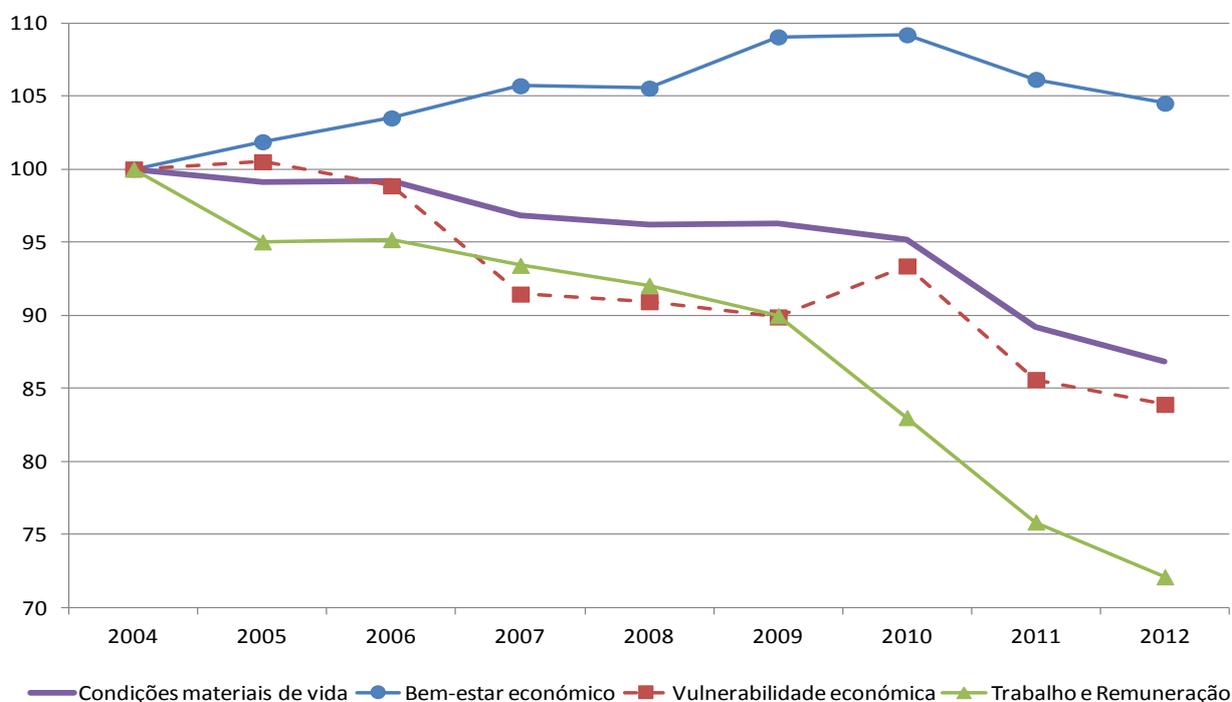
Em praticamente todos os anos desde 2006, verificou-se um agravamento do índice relativo à *Vulnerabilidade*

económica, atingindo-se em 2011 o índice 85,6⁽¹⁾. Os dados preliminares de 2012 apontam para nova quebra (índice 83,9), representando na comparação com o ano base uma variação de -16,1 pontos percentuais.

O domínio *Trabalho e remuneração* assume um papel importante na descida do índice sintético de *Condições materiais de vida* com um decréscimo de 27,9 pontos percentuais entre 2004 e 2012. Neste contexto, o agravamento de todos os indicadores associados ao desemprego revelam-se preponderantes.

(1) O aumento dos índices significa sempre melhoria do Bem-estar e o seu decréscimo, agravamento do Bem-estar. Neste caso, o decréscimo do índice de Vulnerabilidade económica significa, por conseguinte, agravamento do Bem-estar, o que neste caso específico se traduz pelo agravamento da Vulnerabilidade Económica.

IBE: Condições materiais de vida e respetivos domínios (2004=100)



Relativamente aos domínios que explicam o bem-estar em matéria de *Qualidade de vida*, três deles contribuíram destacadamente para o desempenho global desta perspetiva.

A *Educação, conhecimento e competências* tem uma evolução em índice muito positiva no período em estudo, apresentando o índice 153,9 em 2011. Os dados preliminares de 2012 reforçam essa tendência, estimando-se um índice de 159,5.

Em segundo lugar, o índice relativo ao domínio do *Ambiente* aumentou desde 2008, registando o valor de 125,0 em 2011. Os dados preliminares de 2012 mantêm esta tendência, estimando-se um índice de 128,9.

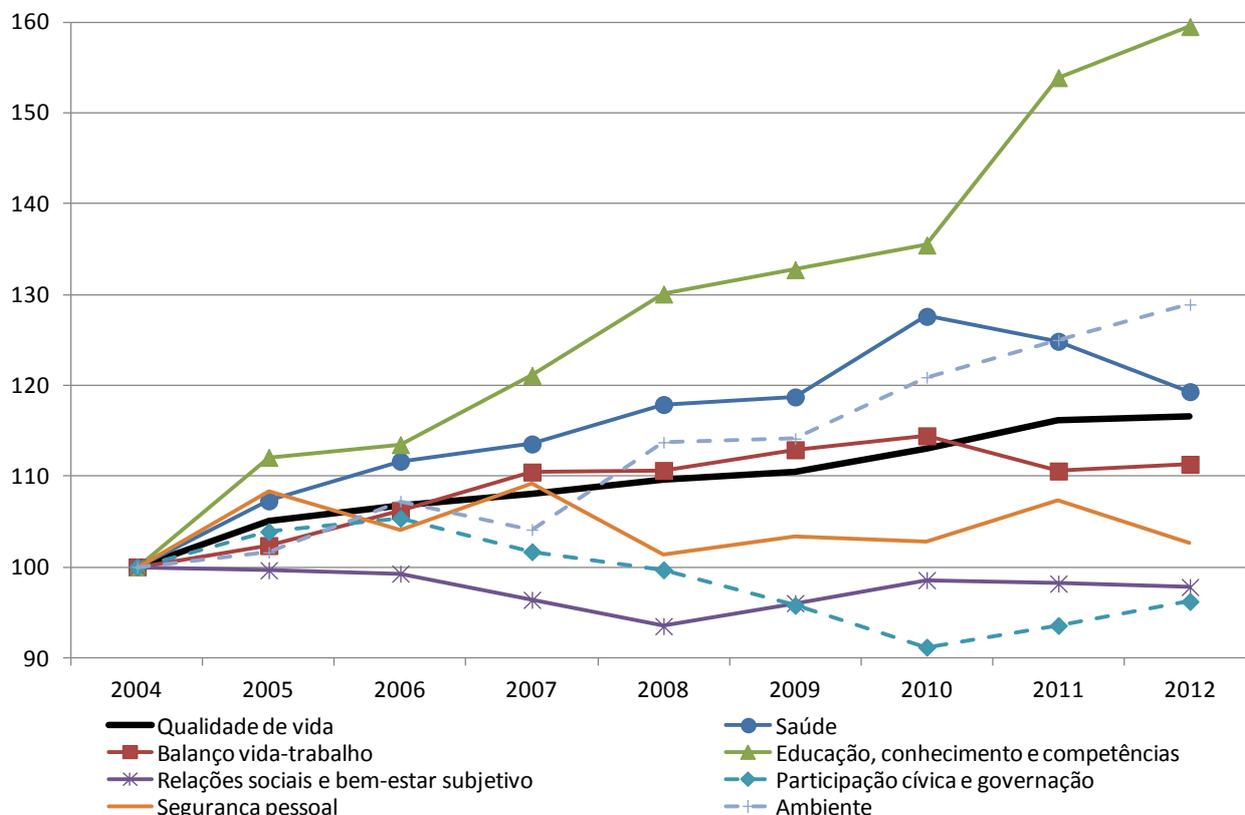
Por último, destaca-se o domínio da *Saúde*, com uma evolução crescente do índice até 2010 e atingindo em 2011 um valor de 124,8. Os dados preliminares de 2012 apontam para uma evolução menos positiva, estimando-se um índice de 119,3.

Diferentemente, os restantes domínios apresentaram evoluções do índice inferiores ao desempenho global da perspetiva *Qualidade de vida*. Contrasta neste subgrupo, o desempenho positivo dos domínios *Balanço vida-trabalho* e *Segurança pessoal* com valores em índice respetivamente de 111,3 e de 102,6 em 2012, e os domínios das *Relações sociais e bem-estar subjetivo* e *Participação cívica e governação* com desempenhos maioritariamente negativos ao longo da série (na comparação com o ano base), com valores do índice de respetivamente 97,8 e 96,2 em 2012.

Em termos globais, a análise dos períodos 2004-2008 e 2008-2012 permite destacar quatro grupos de domínios, em função dos respetivos comportamentos:

- a) Os domínios da *Saúde, Balanço vida-trabalho, Educação, conhecimento e competências, Segurança pessoal e Ambiente*, nos quais as taxas de variação média anual foram positivas;
- b) Os domínios *Vulnerabilidade económica, trabalho e remuneração e Participação cívica e governação*, nos quais as taxas de variação média anual foram negativas;
- c) O domínio do *Bem-estar económico*, para o qual a taxa de variação média anual passou de positiva para negativa entre o primeiro e o segundo períodos considerados;
- d) O domínio das *Relações sociais e bem-estar subjetivo*, para o qual a taxa de variação média anual passou de negativa para positiva entre o primeiro e o segundo períodos considerados.

IBE: Qualidade de vida e respetivos domínios (2004=100)



CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA

Bem-estar económico

O domínio de Bem-estar económico registou um crescimento significativo até ao início da atual crise económica, invertendo essa tendência após 2010.

O principal indicador dos recursos económicos das famílias (o rendimento disponível mediano por adulto equivalente) cresceu em índice, em termos reais 10 pontos percentuais entre 2004 e 2009, mas esses ganhos foram perdidos na quase totalidade entre 2009 e 2011, ano em que o índice se situou em 100,3.

A generalidade dos indicadores relacionados com a distribuição pessoal dos rendimentos revela um comportamento semelhante, ainda que menos acentuado, ao do rendimento disponível, com uma inversão da tendência positiva após 2010.

- O coeficiente de Gini para o rendimento monetário disponível, que registara uma melhoria entre 2004 e 2009, sofre um agravamento no período 2010-2011;
- O índice S80/S20 recuou entre 2004 e 2009, mas sofreu um agravamento nos dois últimos anos;
- O coeficiente de Gini para a remuneração mensal líquida do trabalho por conta de outrem regista uma evolução positiva até 2010, mas em 2011 revela um ligeiro agravamento da desigualdade salarial.

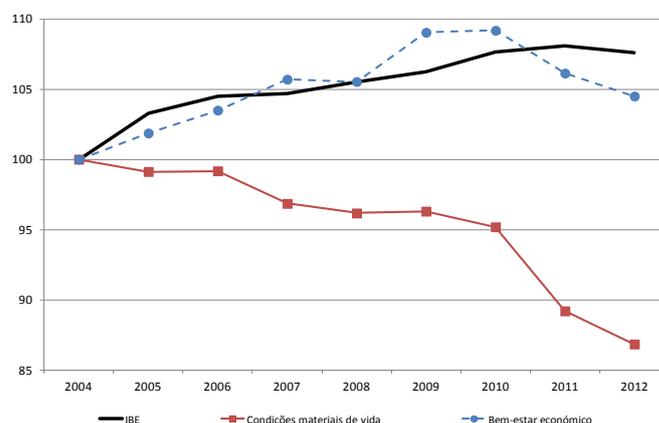
As variáveis relacionadas com o património e o consumo dos particulares revelam um comportamento relativamente estável ao longo do período, embora não se mostrem imunes à crise económica, o que se reflete nos valores dos respetivos índices ligeiramente abaixo do valor 100 no último ano avaliado.

Igual estabilidade evidencia o rácio rendimento líquido/rendimento bruto das famílias, parecendo sugerir a manutenção da estrutura dos rendimentos e do papel redistributivo do Estado entre 2004 e 2011.

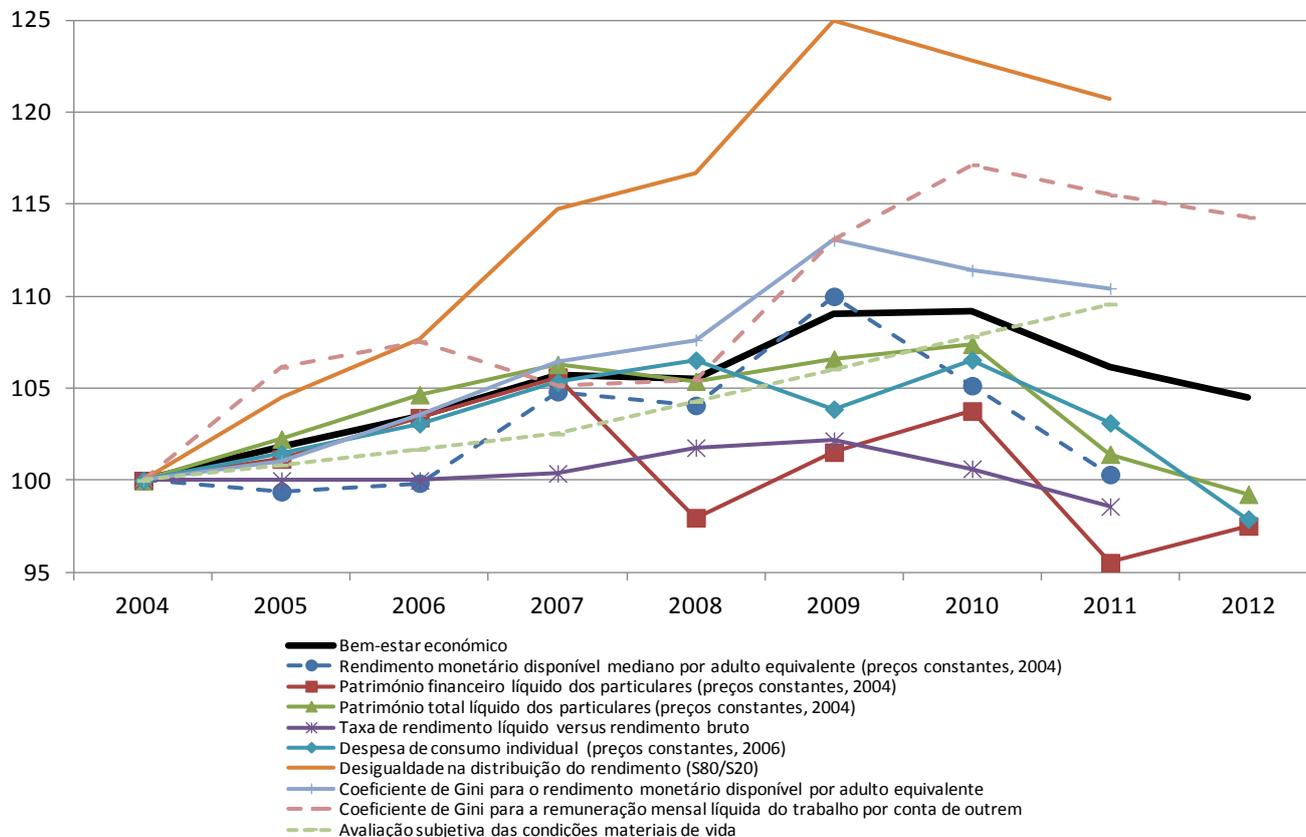
Por último, a avaliação subjetiva das condições materiais de vida surge como um indicador dissonante do conjunto dos demais indicadores deste domínio, na medida em que exibe um crescimento sustentado ao

longo de todo o período, embora com taxas de crescimento relativamente baixas.

Índice de Bem-estar, Condições materiais de vida e Bem-estar económico (2004=100)



Bem-estar económico e respetivos indicadores (2004=100)



Vulnerabilidade económica

O domínio Vulnerabilidade económica é um dos domínios do IBE que apresenta a evolução mais desfavorável ao longo do período em estudo, traduzindo uma progressiva vulnerabilidade das famílias fortemente induzida pelo afastamento das mesmas do mercado de trabalho, pelos elevados níveis de endividamento e pela intensificação da dificuldade em pagar os compromissos assumidos com a habitação.

O índice relativo à proporção de indivíduos com 15 e mais anos residentes em agregados onde todos os ativos se encontravam desempregados (taxa de exclusão do mercado de trabalho) agravou-se entre 2004 e 2011 (sendo de 43,2 neste último ano). Este progressivo afastamento de um número significativo de famílias do mercado de trabalho, particularmente pronunciado desde 2009, traduz o acentuar do processo de envelhecimento e o forte agravamento do desemprego ocorrido na sociedade portuguesa. Aquele indicador registou um decréscimo superior a 60 pontos percentuais ao longo do período 2004-2012, condicionando fortemente a evolução deste domínio.

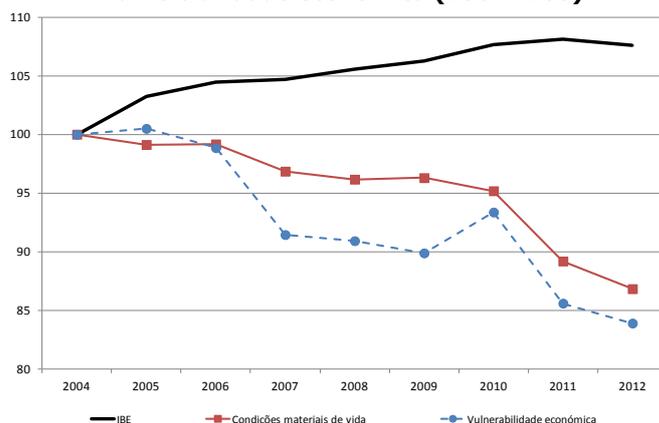
Os índices dos indicadores relacionados com a capacidade de as famílias fazerem frente aos seus encargos financeiros e com a sobretaxa das despesas com a habitação apresentam um decréscimo, o que evidencia uma deterioração da capacidade dos rendimentos familiares suportarem os compromissos financeiros assumidos, ou de suportarem despesas básicas como a habitação.

Os índices associados aos indicadores de pobreza

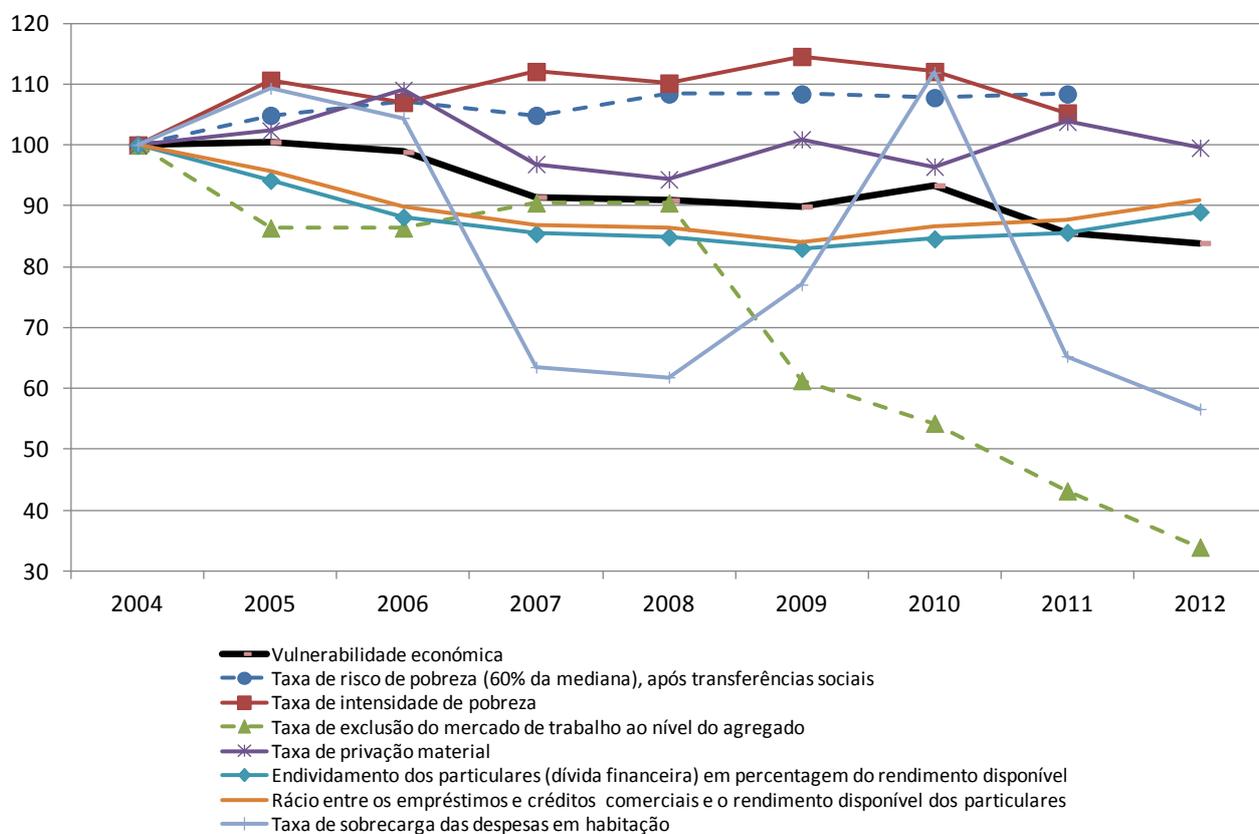
monetária apresentam um crescimento ao longo do conjunto do período, expressando a redução da taxa de risco de pobreza de 19,4% para 17,8% e da intensidade da pobreza de 26,7% para 24,7%. O indicador taxa de risco de pobreza após 2010 merece, no entanto, uma leitura atenta, na medida em que a manutenção da taxa de pobreza após 2009 reflete, mais do que uma manutenção ou melhoria das condições de vida dos indivíduos mais pobres, a acentuada descida do rendimento mediano e a subsequente redução do limiar de pobreza. Particularmente significativo é o agravamento do índice relativo à intensidade da pobreza no último ano analisado, 2011, com um agravamento superior a 5 pontos percentuais.

A leitura da evolução da taxa de privação material é menos clara, dadas as oscilações sofridas por este índice ao longo do período. Em termos globais, a taxa de privação material em 2012 é praticamente idêntica à do valor inicial de 2004, traduzindo-se num índice de 99,5 no final do período em análise.

Índice de Bem-estar, Condições materiais de vida e Vulnerabilidade económica (2004=100)



Vulnerabilidade económica e respetivos indicadores (2004=100)



Trabalho e Remuneração

O domínio Trabalho e remuneração é a componente do bem-estar com evolução mais desfavorável, devido essencialmente ao aumento do desemprego, que se acentuou a partir de 2009.

A variação no período 2004-2011 no domínio Trabalho e Remuneração foi negativa (-24,2 pontos percentuais), tendo o valor do índice decrescido continuamente desde 2006, e com quebras mais pronunciadas a partir de 2009.

Entre as componentes do bem-estar, este é o domínio com evolução mais negativa, concorrendo essencialmente para facto os indicadores relacionados com a condição perante o trabalho e, em particular, a evolução do desemprego a partir de 2009.

Em sintonia com a evolução do desemprego, sublinha-se a evolução também desfavorável, a partir de 2008, do indicador proporção de pessoas que pensam ser provável ou muito provável perder o emprego.

A generalidade dos indicadores apresenta uma variação média anual negativa no período 2004-2011, sendo de referir os seguintes indicadores que apresentam contribuições relevantes, acentuando o sentido negativo do desempenho global deste domínio no período 2004-2011 (variação média anual do índice):

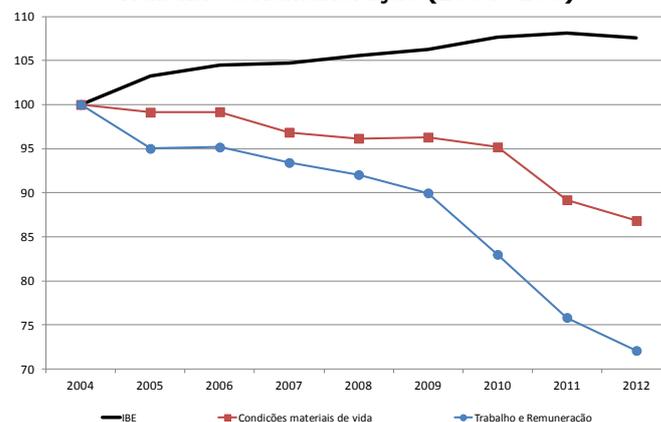
- Subemprego dos trabalhadores a tempo parcial (-15,1%);
- Proporção de pessoas que pensam ser provável ou muito provável perder o seu emprego nos seis meses seguintes (-9,5%);
- Taxa de desemprego e Taxa de desemprego da população dos 15 aos 34 anos (-8,7% para ambos os indicadores);

- Disparidade salarial entre homens e mulheres (valores não ajustados) (-4,9%);
- Proporção de trabalhadores com 25 e mais anos com contrato de trabalho a termo (-4,8%).

Mencionam-se alguns indicadores que registam uma variação média anual negativa no período 2004-2011, mas inferior à do domínio que integram:

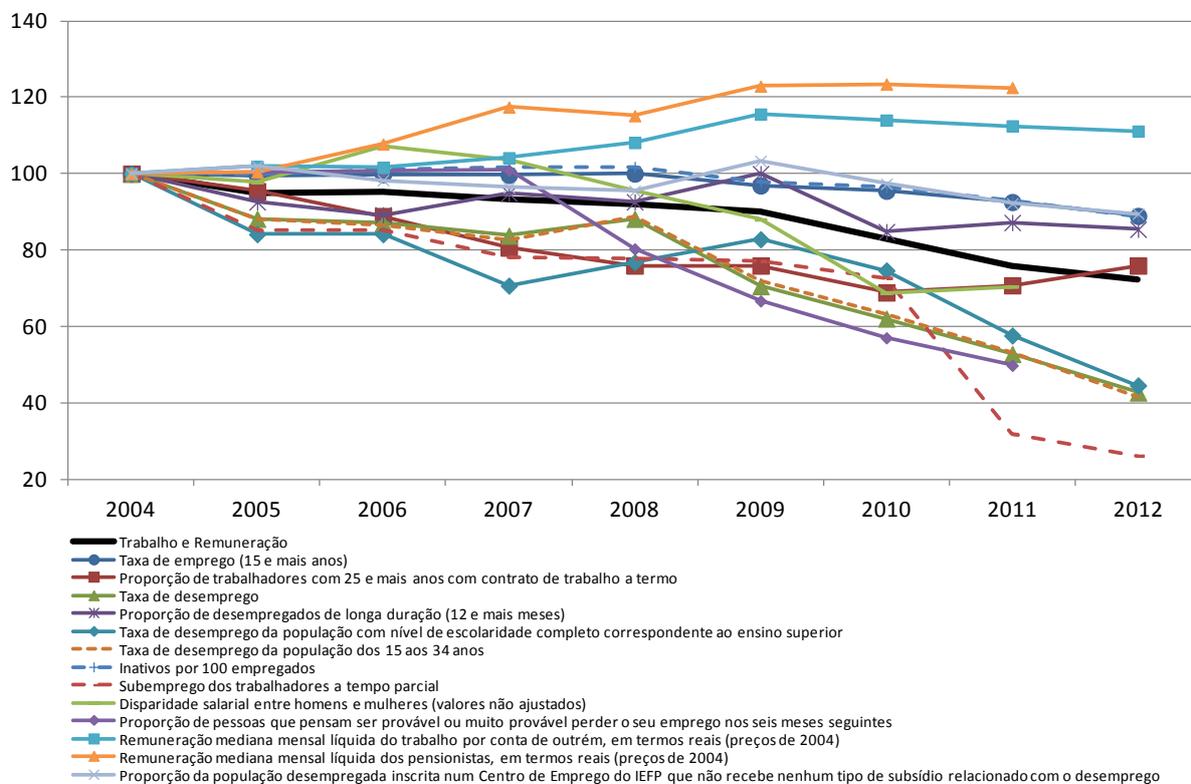
- Taxa de emprego (15 e mais anos) e Inativos por 100 empregados (-1,1% para ambos os indicadores);
- Proporção da população desempregada inscrita num Centro de Emprego do IEFP que não recebe nenhum tipo de subsídio relacionado com o desemprego (-1,2%);
- Proporção de desempregados de longa duração (12 e mais meses) (-1,9%).

Índice de Bem-estar, Condições materiais de vida e Trabalho e Remuneração (2004=100)



Por serem os únicos a registar uma evolução positiva no período 2004-2011, destacam-se os resultados em índice dos indicadores relativos a remunerações medianas mensais líquidas, quer dos trabalhadores por conta de outrem, quer dos pensionistas (1,7 % e 2,9%, respetivamente). Porém, verifica-se uma diminuição destes índices a partir de 2010.

Trabalho e remuneração e respetivos indicadores (2004=100)



QUALIDADE DE VIDA

Saúde

A taxa de mortalidade (<65 anos) por doenças do aparelho circulatório e por 100 000 habitantes teve uma quebra acentuada no período 2004-2012.

A variação no domínio da *Saúde* foi de 24,8 pontos percentuais no período 2004-2011, constituindo a componente explicativa do bem-estar com a segunda evolução mais favorável.

Todos os indicadores seleccionados registam uma taxa de variação média anual positiva no período 2004-2008, à exceção do indicador baseado na taxa de mortalidade padronizada por tumores malignos, que estagnou.

Destaca-se a evolução mais positiva nesse período dos indicadores baseados nas seguintes estatísticas (variação média anual do índice):

- Proporção da população que avalia positivamente os serviços de saúde (13,7%);
- Taxa de mortalidade padronizada (<65 anos), por doenças do aparelho circulatório, por 100 000 habitantes (9,0%);
- Proporção da população que refere limitação na realização de atividades (4,1%);
- Taxa de mortalidade infantil (3,6%).

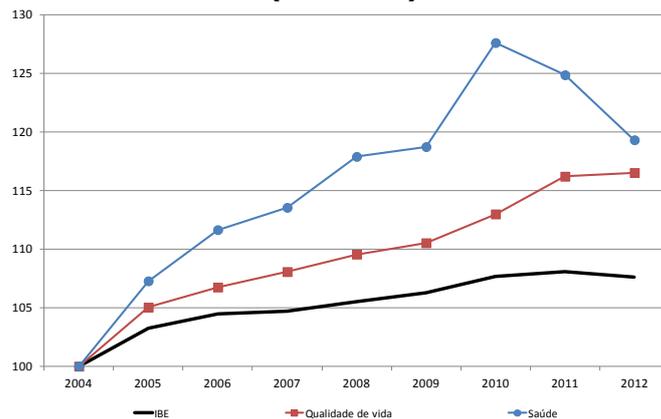
A evolução do primeiro indicador explica-se pelo facto de a percentagem de pessoas que avaliaram positivamente esses serviços ter evoluído de 17% em

2004 para 30,6% em 2011, com uma ligeira quebra em 2012, para 27,3%.

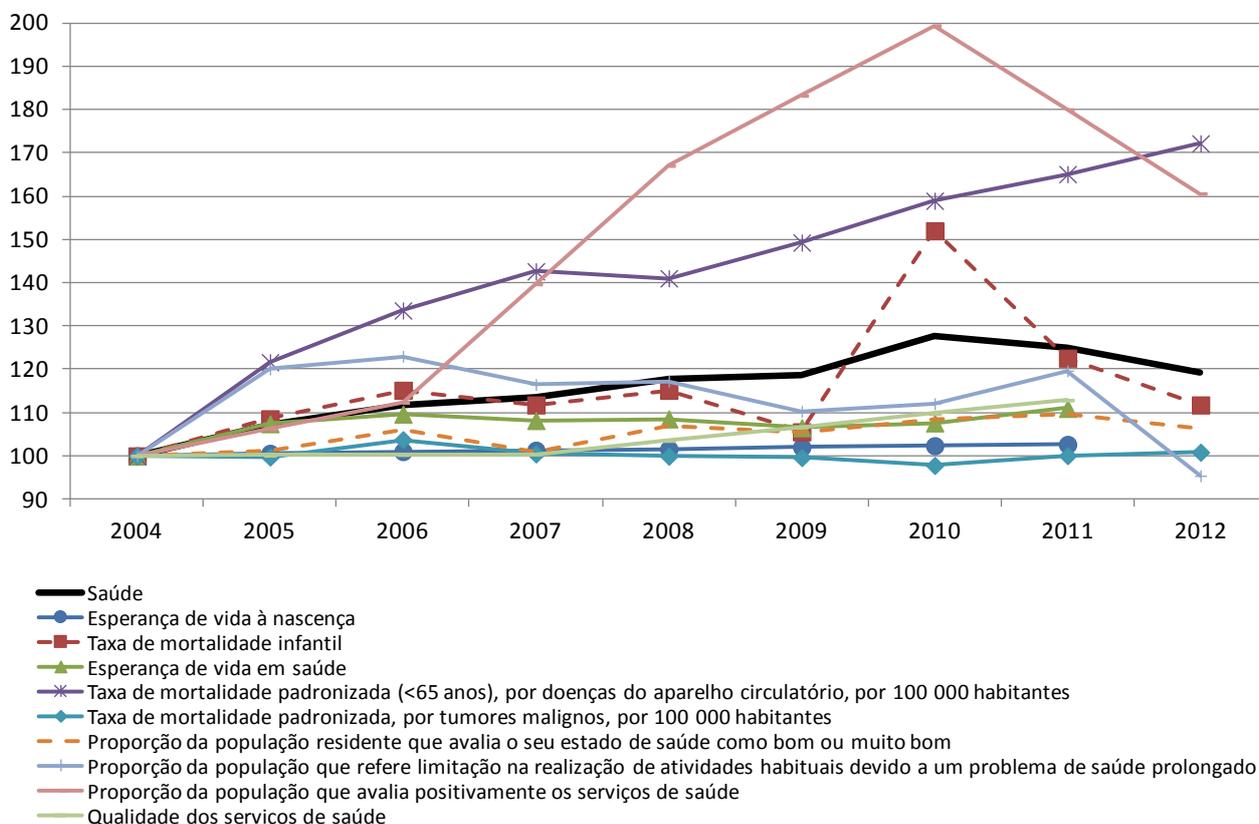
No período 2008-2011, todos os indicadores selecionados registaram taxas de variação média anual positivas, isto é, todos contribuíram para a melhoria do bem-estar em termos de saúde. Destaca-se o indicador baseado na taxa de mortalidade por doenças do aparelho circulatório, que registou nesse período uma taxa de variação de 5,4%. Contudo, entre 2008 e 2011, a taxa de variação média anual foi inferior à registada entre 2004 e 2008 na generalidade dos indicadores. As exceções referem-se aos seguintes indicadores: avaliação dos serviços de saúde, cuja taxa de variação média anual foi de 2,9% no período mais recente, face ao crescimento de 0,9% registado entre 2004 e 2008; a

esperança de vida à nascença e a taxa de mortalidade padronizada por tumores malignos, indicadores cuja taxa de variação média anual se manteve inalterada nos dois períodos.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Saúde (2004=100)



Saúde e respetivos indicadores (2004=100)



Balanço vida-trabalho

Conciliação vida-trabalho: uma evolução positiva, com recuos recentes.

A variação do índice do domínio *Balanço vida-trabalho* foi positiva entre 2004 e 2012, aumentando 11,3 pontos percentuais neste período.

A capacidade de conciliação entre o tempo dedicado ao trabalho e a outras vertentes da vida pessoal, como a família, os amigos ou o lazer em geral, é um importante fator de caracterização do bem-estar.

Este domínio incorporou uma rede de variáveis interrelacionadas, com o objetivo de dar conta do grau de equilíbrio entre a vida e o trabalho.

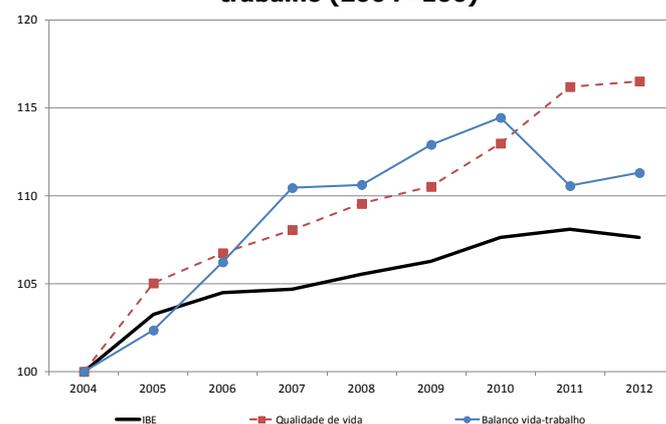
Uma variável central é o índice de conciliação do trabalho com as responsabilidades familiares, retratando o grau de dificuldade em cumprir tarefas domésticas ou outras responsabilidades familiares devido ao trabalho, ou de concentração no trabalho devido a responsabilidades familiares. Este índice teve uma evolução percentual positiva até 2007 de 48 pontos percentuais, decrescendo lentamente a partir de então.

Uma outra forma de medir essa conciliação baseia-se no índice de autoapreciação do tempo empregue no contacto com os familiares ou outros e em atividades de lazer, isto é, decorrente da avaliação pessoal relativamente à suficiência do tempo despendido nesses contactos. Consta-se que este índice teve uma evolução muito semelhante ao anterior, crescendo até 2007 e decaindo a partir desse ano.

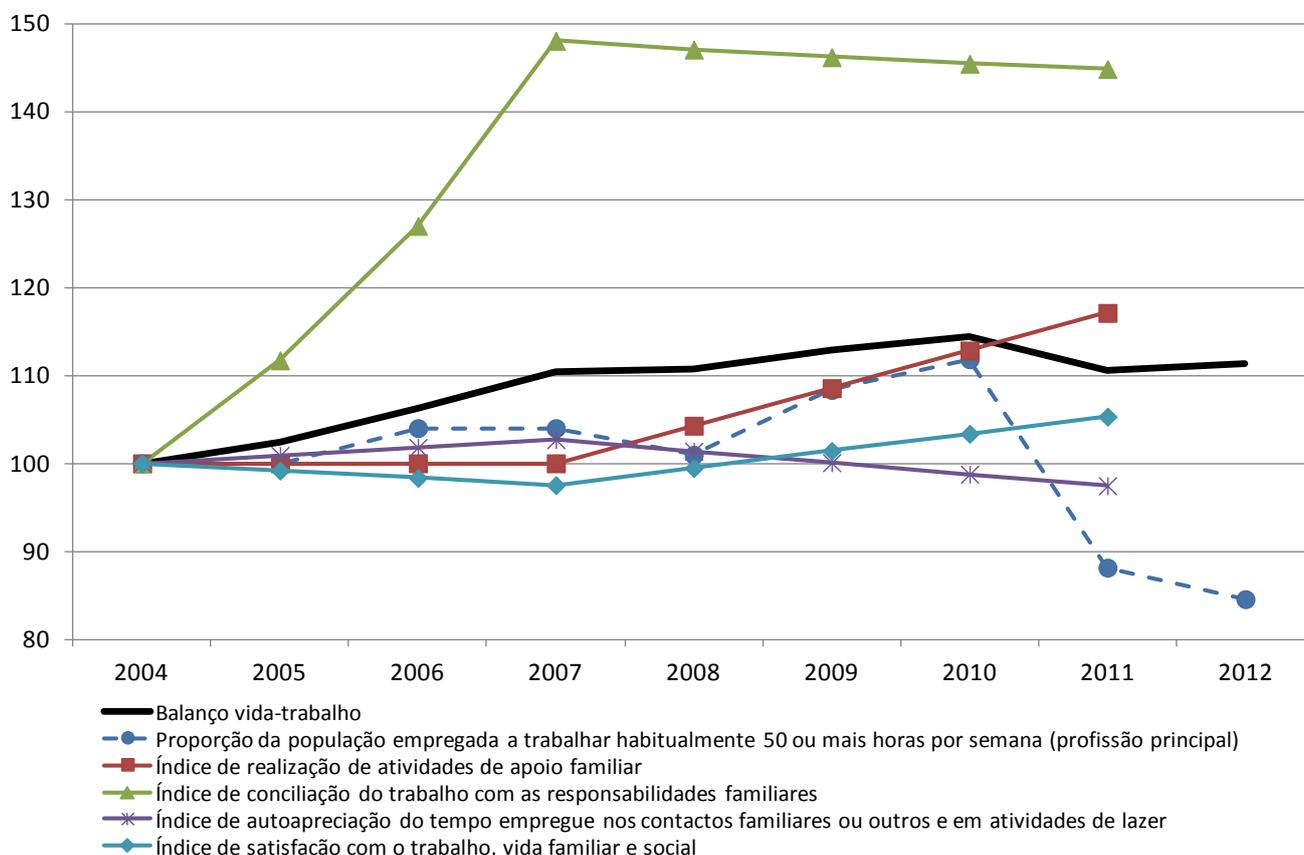
Esta capacidade de conciliação depende, entre outros fatores, de condições objetivas, entre as quais se pode destacar o tempo dedicado ao trabalho. O índice relativo à proporção da população empregada a trabalhar habitualmente 50 ou mais horas por semana aumentou até 2010, significando a diminuição da população a trabalhar 50 e mais horas. Esta evolução inverte-se a partir daquele ano, diminuindo, assim, a disponibilidade de tempo das pessoas (empregadas), para atividades extralaborais.

Poder-se-ia presumir que perante este quadro de dificuldade de compatibilização vida-trabalho diminuísse o índice de realização de atividades de apoio familiar. Todavia, tal não sucede, assistindo-se a uma evolução continuamente positiva deste índice ao longo do período. Consistentemente com esta evolução, o índice de satisfação com o trabalho, vida familiar e social variou positivamente durante o período em análise.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Balanço vida-trabalho (2004=100)



Balço vida-trabalho e respetivos indicadores (2004=100)



Educação, conhecimento e competências

O abandono precoce de Educação e Formação reduziu-se para cerca de metade no período 2004-2012, mas ainda é superior à média da UE27.

A variação do índice no período 2004-2011 no domínio da Educação foi de 53,9 pontos percentuais, constituindo a componente do bem-estar com melhor desempenho. Os dados preliminares relativos a 2012 projetam essa variação para 59,5 pontos percentuais.

A análise dos resultados, no período 2004-2008, evidencia uma taxa de variação média anual do índice positiva para todos os indicadores selecionados, destacando-se os seguintes:

- Patentes pedidas ao Gabinete Europeu de Patentes (17,5%);
- Publicações científicas por 100 mil habitantes em Portugal (14,3%);
- Doutoramentos por 100 mil habitantes em Portugal (8,5%);
- Proportão de pessoas (30-34 anos), com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino superior (7,0%);

- Taxa de retenção e desistência no 3º ciclo do ensino básico (6,2%);
- Índice de consumos culturais (5,6%);
- Aprendizagem ao longo da vida (5,4%).

A evolução dos três primeiros indicadores, associados à Inovação e Investigação & Desenvolvimento, destaca-se dos demais indicadores no período 2004-2008, representando no seu conjunto uma variação em índice de 65,4 pontos percentuais, quando comparado com o ano de 2004. Mesmo isolando o efeito desta componente, a variação em índice do domínio da educação no período 2004-2011 seria de 49,6 pontos percentuais e, por conseguinte, este domínio continuaria ainda a representar a componente do bem-estar com melhor desempenho.

Para tal contribui particularmente a evolução verificada no período 2008-2011, destacando-se o indicador relativo à aprendizagem ao longo da vida, com uma taxa de variação média anual do índice de 29,8%.

Nesse período também se destacou a evolução dos seguintes indicadores em termos de taxa de variação média anual do índice:

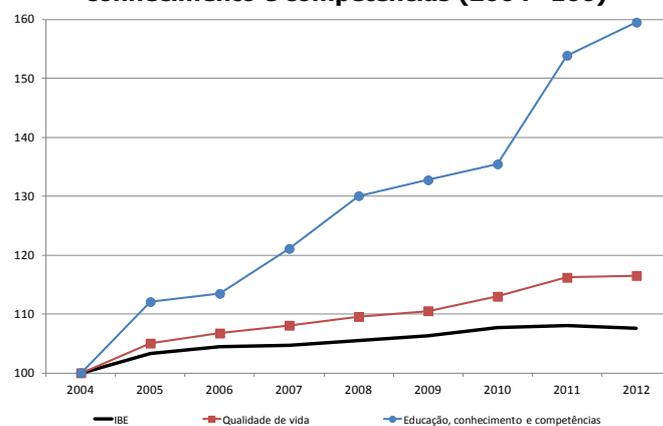
- Abandono precoce de educação e formação (18-24 anos) (15,1%);
- Publicações científicas por 100 mil habitantes em Portugal (5,7%);

- Doutoramentos por 100 mil habitantes em Portugal (6,7%);
- Proporção de pessoas (30-34 anos), com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino superior (6,5%);
- Taxa bruta de escolarização do pré-escolar (5,7%).

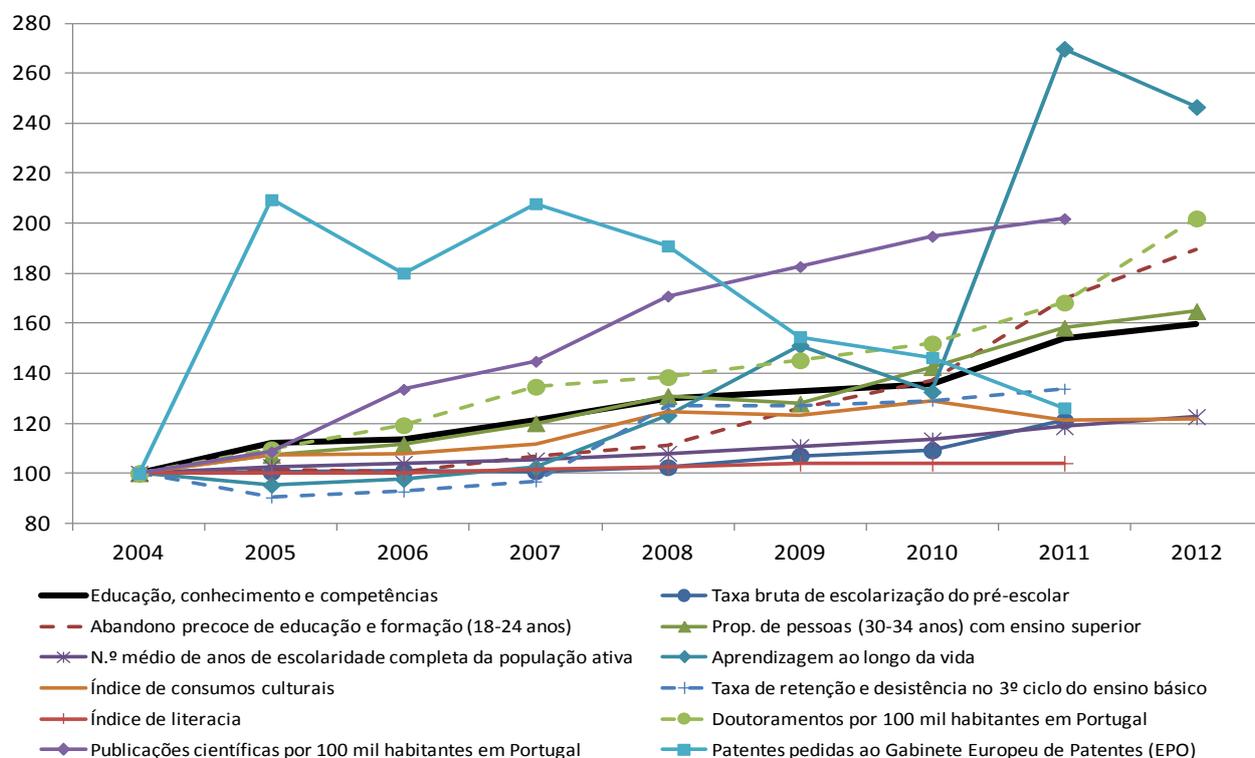
No mesmo período registou-se uma taxa de variação média anual negativa de 12,9% para o indicador relativo às patentes.

O índice de consumos culturais revela uma trajetória instável no período 2008-2012. Após uma ligeira quebra em 2009, ocorreu uma recuperação em 2010 (o índice variou de 123,4 para 129,1), para novamente decrescer no período 2011-2012, para desempenhos inferiores aos alcançados em 2008.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Educação, conhecimento e competências (2004=100)



Educação, conhecimento e competências e respetivos indicadores (2004=100)



Relações sociais e bem-estar subjetivo

Frequência do relacionamento social e satisfação com a vida não resistem, num contexto de perda de confiança interpessoal.

A variação do índice no período 2004-2011, no domínio das Relações sociais e Bem-estar subjetivo, foi negativa (-0,3 p.p.), com uma quebra contínua até 2008 e ligeira recuperação a partir de então, sem contudo superar o valor global do domínio no ano inicial.

A variação negativa observada no período 2004-2008 foi a mais pronunciada dos domínios que integram a *Qualidade de vida*. Trata-se também do único domínio que apresenta um comportamento simétrico nos períodos 2004-2008 e 2008-2011, com variações

negativas do índice no primeiro período e positivas no segundo.

Para este resultado concorrem de forma muito semelhante dois grupos de indicadores.

No primeiro grupo identificam-se os indicadores mais próximos da dimensão social do bem-estar subjetivo: o indicador relativo à frequência de relacionamentos com familiares, amigos ou colegas de trabalho e o relativo à proporção de pessoas que têm com quem partilhar questões íntimas. Ambos tiveram uma taxa de variação média anual negativa no período 2004-2008 (-3,7% e -0,7%, respetivamente) e uma evolução positiva no período 2008-2011 (3,0% e 2,4%).

No segundo grupo, composto por indicadores próximos da dimensão individual do bem-estar subjetivo figuram o grau de felicidade e o grau de satisfação com a vida em

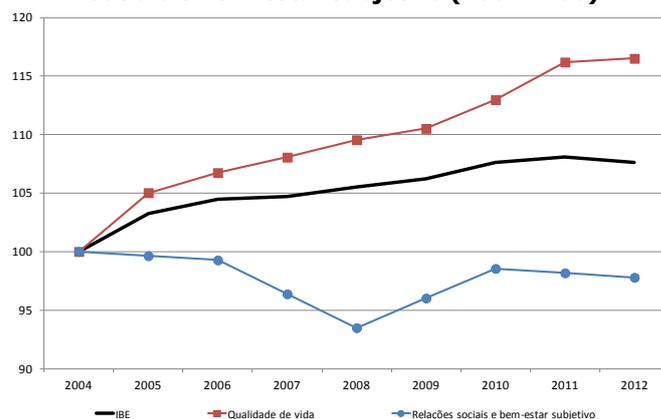
geral, os quais, à semelhança dos dois indicadores atrás referidos, apresentaram uma taxa de variação média anual negativa no período 2004-2008 (-2,1% e -1,9%, respetivamente) e uma evolução positiva no período 2008-2011 (0,6% e 3,6%).

O índice de confiança interpessoal apresenta um comportamento diferenciado relativamente aos dois grupos anteriores: em 2008 regride para o valor inicial (2004), após ter atingido um máximo em 2006 (108,3), continuando a diminuir no período 2008-2011, a uma taxa de variação média anual de -1,4%.

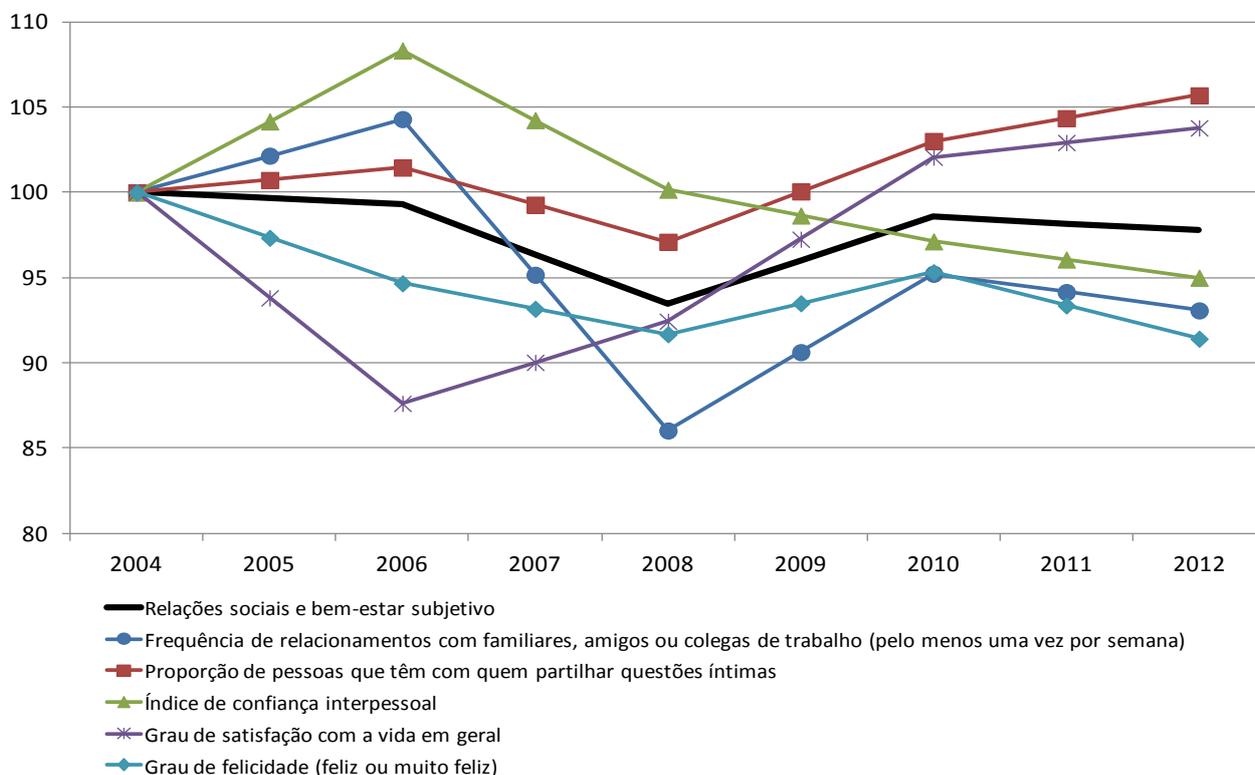
Refira-se que as evoluções positivas no período 2008-2012, são apenas resultantes de recuperações circunscritas ao período 2008-2010. A análise da evolução mais recente (2010-2012), mostra que quer a

frequência de relacionamentos com familiares, amigos ou colegas de trabalho, quer o grau de felicidade, apresentaram variações negativas, acompanhando a trajetória igualmente descendente do índice de confiança interpessoal.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Relações sociais e bem-estar subjetivo (2004=100)



Relações sociais e bem-estar subjetivo e respetivos indicadores (2004=100)



Participação cívica e governação

O Índice de confiança nas instituições revela uma evolução negativa desde 2009.

A variação do índice no período 2004-2011 no domínio da *Participação cívica e governação* foi negativa (-0,9 pontos percentuais), tendo o índice decrescido continuamente desde 2006 a 2010, com ligeira recuperação nos anos 2011 e 2012, sem contudo superar o nível global do domínio em 2004. Para este resultado concorrem diferentemente dois grupos de indicadores.

No primeiro grupo identificam-se os indicadores com evolução mais positiva: o índice de participação em atividades públicas (113,4, em 2011) e a qualidade apercebida dos serviços públicos (108,3, em 2011) o qual revelou um comportamento continuamente ascendente desde 2005 até 2011.

No segundo grupo, figuram: o índice de confiança nas instituições que atinge, em 2011, o valor de 69,4, com novo agravamento em 2012, para 66,2; o índice de governação que ao longo do período em estudo registou uma evolução negativa face a 2004, situando-se em 78,0 em 2011; e, por último, o índice de participação eleitoral que registou igualmente uma evolução negativa no período 2004-2011, atingindo o valor de 91,8 em 2011.

A análise dos resultados no período 2004-2008 revela taxas de variação média anual positivas para os seguintes indicadores:

- Grau de interesse pela política (0,8%);

- Índice de participação em atividades públicas (0,9%).

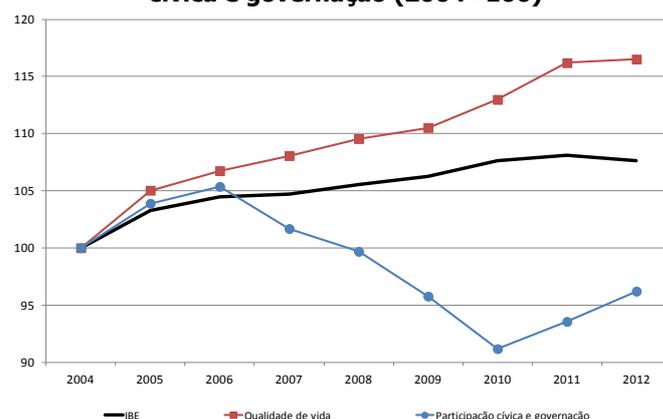
Inversamente, registaram-se variações negativas nos indicadores:

- Índice de governação (-2,6%);
- Índice de participação eleitoral (-1,0%).

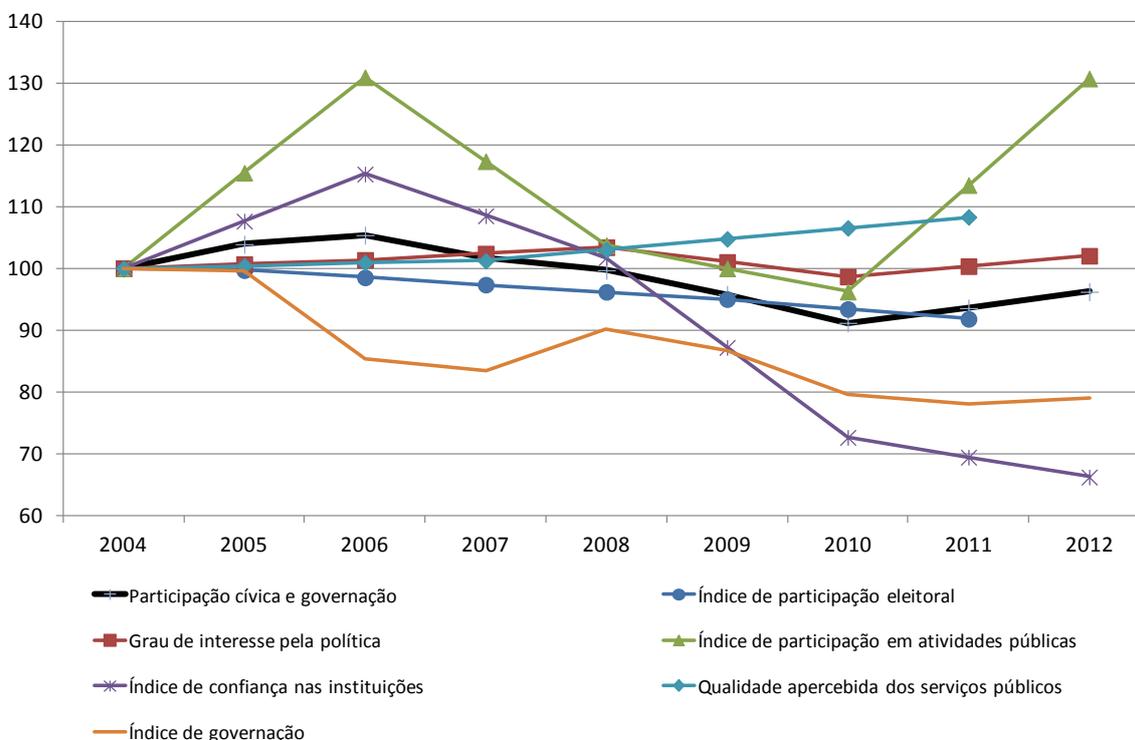
No período mais recente (2008-2011) acentuou-se a evolução positiva na participação em atividades públicas e na qualidade apercebida dos serviços públicos, em contraste com uma taxa de variação média anual de -12,0% no índice de confiança nas instituições e de -4,7% no índice de governação.

O aumento do índice da participação cívica e governação, constante dos dados preliminares de 2012, aponta para uma melhoria do índice (96,2), sobretudo explicada pela evolução positiva da participação em atividades públicas face ao ano anterior.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Participação cívica e governação (2004=100)



Participação cívica e governação e respetivos indicadores (2004=100)



Segurança pessoal

A taxa de homicídio voluntário consumado registou no período 2004-2011 um decréscimo acentuado.

A variação em índice no domínio da Segurança Pessoal foi de 7,4 pontos percentuais em 2011, face ao ano base de 2004, tendo o índice deste domínio registado um comportamento irregular ao longo de todo o período em estudo, embora com variações positivas sistemáticas na comparação com o ano base. Os indicadores explicativos do desempenho global deste domínio, em 2011, apresentaram contrastes elevados na comparação com os valores de 2004. Verifica-se um agravamento dos índices relativos aos seguintes indicadores: mulheres vítimas do crime de violência doméstica (índice 90,1); crianças e jovens vítimas de crime (índice 79,6), indicador que sofre um novo agravamento em 2012

Índice de Bem-estar – 2004-2012

(índice 71,4); e proporção de pessoas que se sentiam seguras quando passeavam sozinhas depois de escurecer (índice 93,7 em 2011).

Por outro lado, registou-se uma diminuição da incidência de homicídio voluntário consumado (índice 163,6 em 2011), que passou de 1,8 por 100 000 habitantes em 2004, para 1,1 em 2011.

Complementarmente, verificou-se no ano de 2011 um incremento significativo do grau de confiança da população na polícia (índice 116,4).

A análise dos resultados deste domínio, no período 2004-2008, revela uma taxa de variação média anual negativa no índice em quatro dos indicadores, destacando-se:

- Mulheres vítimas do crime de violência doméstica (-5,3%);

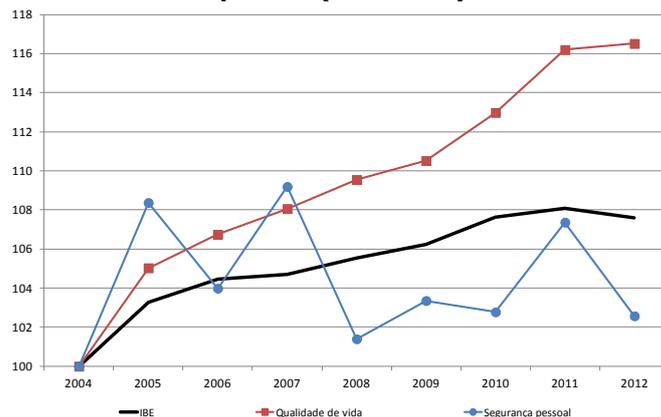
- Proporção de pessoas que se sentem seguras quando passeiam sozinhas depois de escurecer (-2,7%);
- Crianças e jovens (0-17 anos) vítimas de crime (-2,3%);
- Taxa de criminalidade registada (-0,7%).

No período 2008-2011 acentuou-se a queda da taxa de homicídio voluntário consumado (taxa de variação média anual de 8,4%) e a percentagem de mulheres vítimas do crime de violência doméstica (variação média anual de 3,8%), agravando-se a incidência de crimes sobre crianças e jovens (taxa de variação média anual de -4,3%).

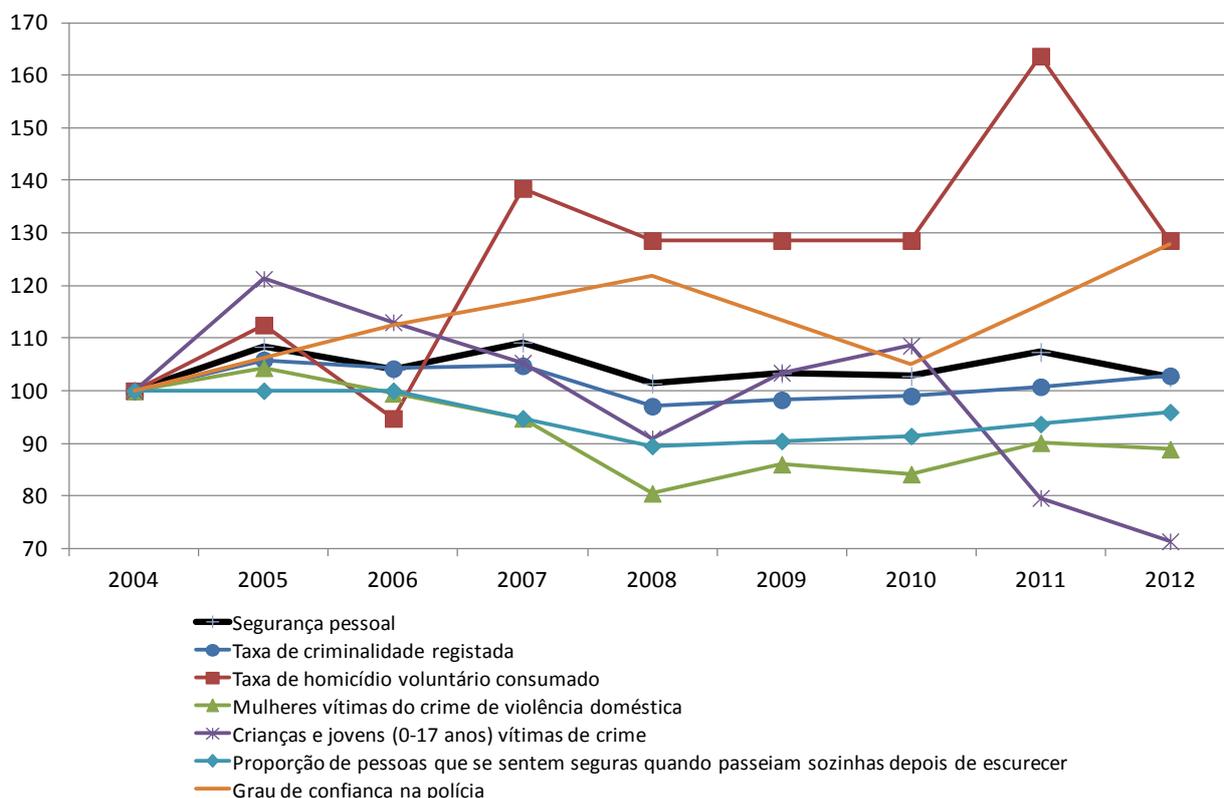
Da análise do ano de 2012, constata-se uma quebra do índice deste domínio (102,6), essencialmente explicada pelo agravamento, relativamente a 2011, da taxa de

homicídio voluntário consumado e da incidência de crimes vitimizando crianças e jovens. Pelo contrário, o grau de confiança na polícia observa um incremento significativo no último ano.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Segurança pessoal (2004=100)



Segurança pessoal e respetivos indicadores (2004=100)



Ambiente

Emissão de gases com efeito de estufa em queda contínua desde 2006.

A variação do índice no domínio do *Ambiente* foi de 25 pontos percentuais no período 2004-2011, constituindo, a par do domínio da *Saúde*, a componente do bem-estar com o segundo melhor desempenho no contexto do Índice de Bem-estar. Os dados preliminares de 2012 mantêm essa tendência positiva na comparação com o ano-base 2004, apontando o índice deste domínio para 128,9.

No período 2004-2008, registou-se uma taxa de variação média anual positiva, em índice, para todos os indicadores selecionados, à exceção do indicador relativo à quantidade de resíduos urbanos recolhidos com destino a aterro *per capita*, onde essa taxa de variação foi de -3,5%. Ainda no referido período, destacou-se a evolução, em índice, particularmente positiva dos seguintes indicadores:

- Índice de qualidade do ar, com uma taxa de variação média anual de 9,4%;
- Total de emissões de gases com efeito de estufa, com uma taxa de variação média anual do índice de 4,5%;
- Percentagem da população que reporta problemas de poluição, sujidade ou outros problemas ambientais na vizinhança da sua residência, com uma taxa de variação média anual do índice de 4,2%;
- Percentagem de população servida por estações de tratamento de águas residuais, com uma taxa de variação média anual do índice de 4,1%;
- Água segura (nível de qualidade da água), com uma taxa de variação média anual do índice de 3,7%.

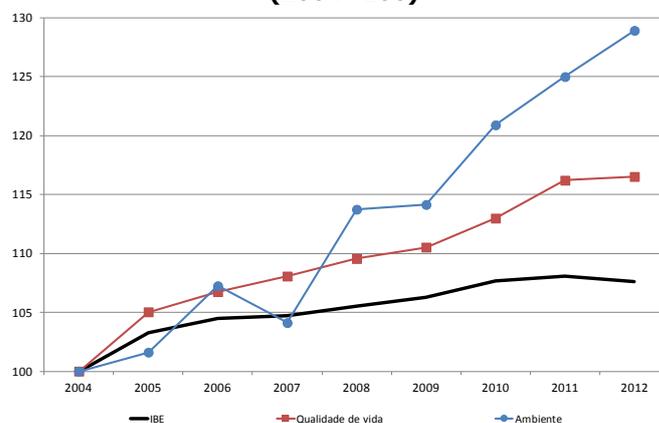
No cômputo final, a taxa de variação média anual do índice relativo ao Ambiente, no período 2004-2008, foi

de 3,3%.

Entre 2008 e 2011, a taxa de variação média anual do índice foi da mesma ordem de grandeza (3,2%). Contudo, os indicadores ambientais nesse período revelaram comportamentos mais diferenciados, entre si e também na comparação com o período anterior. Destaca-se a taxa de variação média anual do índice relativa à percentagem de praias com bandeira azul (13,9%), evolução muito positiva e em contraste com o período anterior (1,9%).

Também pela positiva, evidenciou-se a evolução da quantidade de resíduos urbanos recolhidos para aterro, com uma taxa de variação média anual do índice de 5,3%, em contraste com o período anterior (-3,5%). Para essa evolução, contribuiu de forma determinante o comportamento deste indicador em 2011.

Índice de Bem-estar, Qualidade de vida e Ambiente (2004=100)

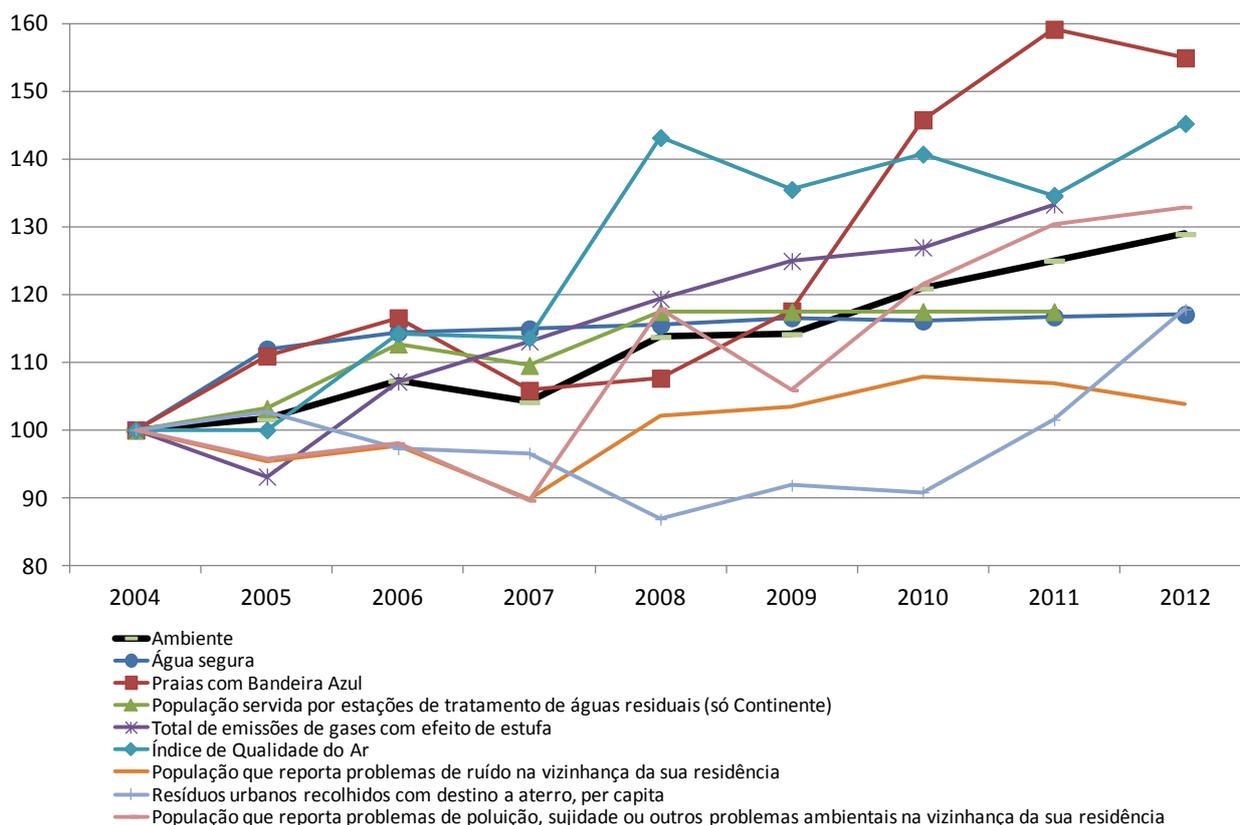


Por último, entre 2008 e 2011, o índice de qualidade do ar registou uma taxa de variação média anual de -2%, em contraste com a taxa média anual registada no período anterior, de 9,4%. Faz-se notar que este indicador é sensível a comportamentos climáticos atípicos, tais como ondas de calor com elevada duração e também a ocorrências de grandes incêndios, ou emissões anormais de partículas em suspensão. Isto é, a acumulação deste tipo de situações pode gerar um

Índice de qualidade do ar atipicamente diminuto, num determinado ano. O contraste atrás referido terá sido em boa parte explicado pelo comportamento atípico nos

anos 2005 e 2006.

Ambiente e respetivos indicadores (2004=100)



Contextualização e objetivos do IBE

A crise financeira, económica e social em que a Europa e o Mundo se encontram desde 2008 tornou mais visível o défice estrutural em domínios determinantes do bem-estar e qualidade de vida, desde a educação e mercado de trabalho, à saúde e segurança, reforçando-se a constatação de que o PIB e outros indicadores macroeconómicos proporcionam uma perspetiva incontornável, mas contudo, parcial do comportamento de um importante conjunto de variáveis-fator que

afetam mais concreta e diretamente no quotidiano das pessoas. Nos últimos anos gerou-se um consenso internacional quanto à prioridade em colmatar-se o défice informacional relativo à avaliação da qualidade de vida e satisfação das famílias.

Este desafio tem vindo a ser protagonizado por várias Organizações internacionais, tais como a ONU, a OCDE, o Eurostat, o FMI e o Banco Mundial, com a participação direta e ativa de vários Institutos de estatística à escala mundial. Em 2007, a Comissão Europeia (juntamente

com o Parlamento Europeu, o Clube de Roma, a Organização Global de Conservação da Natureza e a OCDE) organizou a conferência: "Para além do PIB". Aí confirmou-se um claro apoio de responsáveis políticos, de peritos económicos, sociais e ambientais e da sociedade civil no que se refere ao desenvolvimento de indicadores que complementassem o PIB, tendo por objetivo proporcionar mais informação de apoio à decisão política. Em 2008, o Conselho Europeu reconheceu que a crise devia também ser encarada como uma oportunidade para orientar exigentemente a economia para uma economia de baixo teor de carbono e mais eficaz na utilização de recursos. O Conselho Europeu enfatizou igualmente o facto de a resposta à crise ter que incluir o desenho de políticas que protegessem os mais afetados e vulneráveis da sociedade, recomendando a produção de indicadores estatísticos que integrassem de forma concisa as realizações e perdas ao nível social e ambiental. Neste contexto, releva-se o relatório da *Commission on the Measurement of the Economic Performance and Social Progress* (2009), elaborado sob a direção de Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean Paul Fitoussi. Trata-se do documento de referência para o desenvolvimento de uma nova infraestrutura estatística avaliadora do bem-estar e qualidade de vida das pessoas e das famílias.

O Eurostat, em parceria com o INSEE, criou em 2010 um *Sponsorship Group on Measuring Progress, Well-being and Sustainable Development* para a implementação das recomendações do relatório de Stiglitz-Sen-Fitoussi, com a participação da ONU, da OCDE e de alguns Institutos de estatística dos países da UE e da EFTA. Foram objeto de desenvolvimento três temas nucleares: a perspetiva dos agregados familiares e os aspetos de distribuição do rendimento, do consumo e da riqueza; medidas multidimensionais da qualidade

de vida, incluindo medidas subjetivas; e a sustentabilidade ambiental.

Destaca-se ainda o projeto liderado pela OCDE, *Better Life Initiative* (2011), o qual identificou domínios e dimensões relevantes para a caracterização e monitorização do bem-estar, selecionando para cada domínio uma lista de indicadores-chave, e avaliando o nível de harmonização metodológica subjacente a tais indicadores para efeitos de comparabilidade internacional entre os países da OCDE.

É neste contexto internacional que vários Institutos de Estatística têm vindo a desenvolver iniciativas para a produção de uma bateria de indicadores sobre o bem-estar e qualidade de vida. No âmbito de Sistema Estatístico Europeu sublinha-se o papel das estatísticas provenientes dos inquéritos às condições de vida e rendimento das famílias no âmbito da operação EU-SILC. Destacam-se também duas iniciativas com notoriedade à escala europeia, o *European Social Survey* e o *European Quality of Life Survey*, as quais proporcionam indicadores-chave em vários temas que caracterizam o bem-estar e qualidade de vida, nomeadamente ao nível da informação de carácter subjetivo.

Ao nível nacional, a construção de indicadores estatísticos de bem-estar e qualidade de vida pressupõe essencialmente a reutilização e integração do conhecimento proveniente de vários subsistemas de informação das estatísticas oficiais e, progressivamente, o reforço da infraestrutura das estatísticas sociais, em linha com os programas plurianuais do Sistema Estatístico Europeu.

Observando as recomendações do relatório de Stiglitz-Sen-Fitoussi, o desenvolvimento de indicadores de bem-estar e qualidade de vida não constituem um fim em si mesmo, mas sobretudo um meio e um contributo para o

estabelecimento de políticas públicas focadas nas motivações e métricas do bem-estar das pessoas e das nações, e da respetiva sustentabilidade. A reflexão e o debate sobre o bem-estar e progresso social pelas principais instituições promotoras do desenvolvimento à escala mundial geraram um denominador comum de temas de análise caracterizadores desse progresso.

A lista de domínios considerada na construção do “Índice de Bem-Estar” tomou em consideração essas orientações internacionais. Na seleção de indicadores esteve presente uma abordagem adaptada à realidade socioeconómica de Portugal.

Objetivos

O objetivo do Índice de Bem-estar é disponibilizar, numa base regular, resultados que permitam acompanhar a evolução do bem-estar e progresso social em duas vertentes determinantes – condições materiais de vida das famílias e qualidade de vida, mediante declinações em três e sete domínios de análise, respetivamente: a) bem-estar económico; vulnerabilidade económica; trabalho e remuneração; b) saúde; balanço vida-trabalho; educação, conhecimento e competências;

relações sociais e bem-estar subjetivo; participação cívica e governação; segurança pessoal; e ambiente.

Em cada domínio foram previamente identificadas dimensões prioritárias de análise que evidenciam as problemáticas presentes em cada um deles e que alicerçaram o processo de seleção de variáveis. O objetivo inerente à construção desta nova infraestrutura estatística é poder acrescentar à ênfase na medição da produção económica, a ênfase na medida do bem-estar das pessoas, num contexto de sustentabilidade.

Com indicadores sintéticos ao nível de cada domínio e ao nível global, aprofunda-se o mecanismo de acompanhamento dos principais fatores críticos do desenvolvimento económico e social de Portugal, na ótica do bem-estar, avaliados segundo uma lógica de resultados concretos ao nível das pessoas ou das famílias, integrando informação estatística disponível e proporcionando leituras úteis à tomada de decisão.

Complementarmente, a construção de tais indicadores compósitos constituirá um instrumento de escrutínio das políticas públicas e, por conseguinte, um veículo para o exercício da cidadania.

Nota técnica

O Índice de Bem-estar (IBE) é um estudo estatístico de periodicidade anual e cujo âmbito geográfico é o país. As variáveis que integram a construção do IBE provêm de procedimentos administrativos e de operações estatísticas desenvolvidas no contexto do Sistema Estatístico Nacional, do Sistema Estatístico Europeu, do Banco Mundial e outros.

Do ponto de vista concetual, as condições materiais de vida das famílias e a qualidade de vida, foram identificadas como perspetivas essenciais na avaliação da evolução do bem-estar. Neste contexto, procurou-se que cada perspetiva fosse representada com indicadores, agrupados em domínios de análise, que correspondessem, tão fielmente quanto possível, à delimitação concetual definida.

Na perspetiva das condições materiais de vida pretende-se:

- Captar o domínio do bem-estar económico, através das possibilidades correntes e futuras de consumo, da realização do bem-estar material e da desigualdade de distribuição de rendimento;
- Avaliar a vulnerabilidade económica através da medição da pobreza monetária, da privação material, do endividamento e da vulnerabilidade da habitação;
- Avaliar a participação e inclusão social, a vulnerabilidade do trabalho e a disparidade salarial segundo o sexo, e a qualidade do trabalho.

A consideração dos domínios de “bem-estar económico” e de “vulnerabilidade económica” constitui um elemento determinante da construção de um índice de bem-estar que, na perspetiva do Relatório Stiglitz-Sen-Fitoussi, conjugue a medição da produção económica com a aferição do nível de bem-estar das pessoas. A noção de multidimensionalidade, indispensável à construção de um efetivo índice de bem-estar, impõem que este reflita simultaneamente o processo de criação de recursos, a forma como estes são distribuídos, bem como a forma como são apropriados por cada um e pelo conjunto de indivíduos numa dada sociedade. Um índice com tais características terá necessariamente que espelhar o *trade-off* entre eficiência e equidade que perpassa as nossas sociedades e tornar claro as opções que os decisores e a sociedade no seu todo escolherem.

Nesse contexto, a inclusão de variáveis como o rendimento mediano por adulto equivalente, o património das famílias e a desigualdade na distribuição do rendimento familiar e salarial constitui uma condição necessária para que o índice de bem-estar reflita as diferentes dimensões do bem-estar económico subjacentes à produção, distribuição e redistribuição dos recursos disponíveis.

Por outro lado, a consideração das principais vulnerabilidades económicas e sociais refletidas nos diferentes indicadores de pobreza ou de privação material no peso dos encargos financeiros ou nas condições insuficientes da habitação, permitirá que o índice de bem-estar exprima as principais inaptidões da economia e da sociedade para garantir a todos os seus membros um efetivo usufruto dos recursos disponíveis.

Na perspetiva de qualidade de vida, foram considerados sete domínios de análise:

- Educação, conhecimento e competências – através da caracterização da educação formal, da aprendizagem ao longo da vida, da qualidade de educação e nível de competências adquiridas e da produção de conhecimento e inovação;
- Saúde – através dos indicadores-resultado na saúde, da avaliação da prestação de cuidados de saúde e dos indicadores relativos a fatores de risco;

- Balanço vida-trabalho – através da avaliação da conciliação do tempo afeto à família e ao trabalho e da avaliação subjetiva do balanço vida-trabalho;
- Segurança pessoal – através da avaliação da criminalidade e da avaliação subjetiva da segurança pessoal;
- Participação cívica e governação – através da avaliação da participação cívica e política e da confiança nas instituições;
- Relações sociais e bem-estar subjetivo – através da avaliação do bem-estar subjetivo social e do bem-estar subjetivo individual, dimensões que pela sua especificidade não serão objeto de análise conjunta;
- Ambiente – através da avaliação de qualidade da água e do ar, da intensidade apercebida de ruído, da análise do destino final dos resíduos, da medida da biodiversidade e da avaliação subjetiva da qualidade ambiental.

As variáveis tomadas em cada domínio vêm expressas em diferentes unidades de medida, pelo que o recurso a números índice simples (baseados no rácio entre o valor da variável no ano j e o valor dessa variável no ano-base), e à função de agregação média dos índices associados aos indicadores referentes a cada domínio, proporciona uma escala unidimensional para a representação da construção multidimensional do Bem-estar. Independentemente da perda de informação subjacente à escolha desta escala, as vantagens desta opção situam-se ao nível da simplicidade e da transparência do método, da eliminação da heterogeneidade da medida, da comparabilidade entre indicadores, mas também da atenuação da sensibilidade dos valores finais dos índices à inclusão de indicadores com diferentes níveis de precisão estatística.

As opções metodológicas subjacentes à conceção e operacionalização do IBE encontram-se descritas no Documento Metodológico disponível em www.ine.pt, na opção Metainformação.